

VIRGINIA WOOLF E A DISTINÇÃO ENTRE SEXO E GÊNERO NA OBRA *ORLANDO: UMA BIOGRAFIA*

Aline de Mello Sanfelice¹

RESUMO

A partir de um entendimento originado em estudos de gênero e estudos *queer* acerca de categorias identitárias, este estudo demonstra como o texto *Orlando: Uma Biografia* de Virginia Woolf antecipa, nessa que é uma obra literária, a distinção teórica entre sexo e gênero posteriormente articulada por teóricas como Judith Butler e Gayle Rubin. O argumento dessa antecipação teórica é ilustrado com exemplos do texto de Woolf, e oferece, em última análise, uma proposta de entendimento de gênero vinculada a trajetórias particulares de cada sujeito.

Palavras-chave: *orlando: uma biografia*, virginia woolf, sexo, gênero.

Esta pesquisa investiga a relação entre as categorias analíticas de sexo e gênero na caracterização narrativa do/a protagonista de *Orlando: Uma Biografia*, de Virginia Woolf. A investigação parte do princípio de que, no contexto histórico desse romance, publicado em 1928, a normatização das relações entre sexo e classe era legível, ao contrário daquelas entre sexo e gênero (GILBERT & GUBAR, 1984). O objetivo deste trabalho é, portanto, demonstrar que a caracterização textual da personagem Orlando antecipa a dissociação teórica de sexo/gênero tornada pública pela teoria feminista (RUBIN, 1975; BUTLER, 1990). Ao mostrar tal distinção teórica, o trabalho também salienta a importância da problematização de questões referentes a sexo e gênero nos dias de hoje, uma vez que papéis de gênero têm sido atribuídos ideologicamente a cada sexo, e precisamente por esse motivo devem ser criticados e transgredidos – exatamente como acontece eventualmente com a personagem do romance de Woolf.

Butler entende gênero e sexo como eixos que se inter-relacionam com outros aspectos constitutivos de “identidade” (sendo que para Butler identidade é um efeito de práticas regulatórias que são permanentemente problemáticas e problematizadas), tais como raça, classe e etnia. Especificamente, a autora argumenta que gênero e sexo não são o resultado casual um do outro, pois na verdade existe uma *descontinuidade radical* (BUTLER, 1990, p. 6) entre esses elementos, uma vez que não há uma correspondência

¹ Doutoranda em Letras pela UFSC; professora de língua inglesa da UFSC. E-mail: sanfelici@ufpa.br

obrigatória. Além disso, seguindo os estudos de Michel Foucault, Butler desestabiliza a noção de sujeito, questionando como identidades e subjetividades são constituídas por e através de relações de poder. Sua sugestão é que o gênero e a sexualidade do sujeito são constituídos através de atos performativos. Dessa forma, gênero e sexualidade são significantes instáveis e não permanentes, uma vez que se encontram em constante processo de recriação. Consequentemente, identidades não podem ser fixas, isto é, concebidas como finais e estáveis.

Butler também propõe que gênero é uma paródia. Dessa perspectiva, a noção de ato performativo, constituído através de constantes repetições, e constituindo um ato subversivo ou não, é importante na análise do personagem Orlando. De acordo com Butler, a paródia de gênero não é uma paródia *convencional*, na qual existe uma cópia imitando um original. Ao invés disso, a autora propõe que a imitação é, por si mesma, *também* um original. Essa perspectiva assume que heterossexualidade não é, necessariamente, lógica, e portanto se alinha com a perspectiva das teorias *queer* que propõem que todas as normas envolvendo gênero são construtos fictícios, e portanto criticáveis por subordinarem e limitarem a liberdade do sujeito de praticar, variar e construir sua identidade. Já que essas normas envolvendo gênero não são entendidas como naturais, como Butler, dentre outros, argumenta, a paródia de gênero não é uma imitação de um original, pois não existe um “original” a ser imitado, mas sim apenas imposições, ficções. Desta forma, Butler defende que a paródia de gênero é tão original quanto o que ela parodia, ou é tanto uma cópia quanto o que é copiado.

Ainda sobre gênero enquanto paródia, é necessário expandir a idéia de que a paródia pode ou não ser subversiva. Ser subversivo significa perturbar expectativas sociais, tais como as correspondências binárias entre gênero e sexualidade, ou a oposição entre masculino e feminino. O termo *expectativas sociais* refere-se às imposições míticas determinadas artificialmente e construídas culturalmente. Para Butler, “escolher gênero” é um ato que envolve uma interpretação dos papéis sociais *atribuídos* e reorganizá-los em maneiras que poderão ser subversivas ou não. Em outras palavras, Butler sugere que gênero é feito no dia-a-dia, através de atos performativos que não apenas descrevem como também carregam atos culturais. Para a análise da caracterização narrativa de Orlando, é importante observar que Butler propõe *desafiar* os construtos ideológicos e culturais, ao *defender* comportamentos subversivos. Este

desafio é fundamental na análise do personagem e de suas experiências e escolhas durante sua trajetória.

Em resumo, para Butler as identidades são constantes reinvenções, e não são fixas. Além disso, são o resultado de performances executadas no dia-a-dia. Desta forma, o que Butler sugere é que tópicos como identidade, e conseqüentemente gênero e sexualidade, devem estar sempre sendo problematizados (“*in trouble*”), pois não vão, não podem e não devem nunca ser resolvidos.

Quando o romance *Orlando* foi escrito, no começo do século 20, não havia distinção teórica entre sexo e gênero. Woolf e sua geração não tinham distinções muito claras entre gênero, sexo e sexualidade; sendo que essas distinções vêm sendo construídas desde a pesquisa seminal de Rubin, datada de 1975. No entanto, conforme a hipótese desta investigação, o texto de *Orlando*, de 1928, antecipa na literatura tais distinções da teoria feminista.

No começo do romance, Orlando é descrito como homem em termos anatômicos, baseados em genitália: “[e]le – porque não havia dúvida a respeito do seu sexo, embora a moda do tempo concorresse para disfarçá-lo”² (MEIRELES, 1978, p. 7). Além disso, Orlando se envolve com muitas mulheres em moldes heterossexuais, já que tem seu nome associado aos nomes delas em relação a casamento. Ao mesmo tempo, se Orlando é entendido no começo da história como um homem, e se ele se porta como um homem heterossexual se portaria, dentro das expectativas da sociedade em termos comportamentais, é interessante acrescentar que o ponto de vista da voz narrativa onisciente faz uso de metáforas patriarcais ao relatar os relacionamentos do personagem. Por exemplo, na frase “o gosto de Orlando era amplo; não era amador de flores de jardim, apenas; mesmo as selvagens e nocivas o fascinavam” (MEIRELES, 1978, p. 15), o termo “flores de jardim” refere-se a jovens e ricas mulheres, prontas para desabrocharem, enquanto que a expressão “selvagens e nocivas”, também do agrado de Orlando, possivelmente se refere a mulheres de classes mais baixas. E no trecho “[n]ão há dúvida nenhuma de que muitas damas estavam prontas a conceder-lhe seus favores” (MEIRELES, 1978, p. 17), a expressão “conceder-lhe seus favores” conota relações patriarcais de sexo e comprometimento. O narrador pode ter usado tais expressões para

² Todas as citações do original em inglês de Virginia Woolf foram extraídas da tradução feita por Cecília Meireles (ver referências).

suavizar o fato de que Orlando, aqui um homem em termos de genitália, responde afirmativamente (isto é, não subversivamente) à chamada matriz heterossexual, por se sentir atraído e se envolver com mulheres dentro dos padrões patriarcais.

Porém, na seqüência, o narrador faz o leitor pausar e ver como o personagem se sente e se comporta de forma variável quanto à correspondência entre sexo e opção sexual. Em um certo momento, Orlando “viu (...) uma figura de homem ou mulher – porque a túnica solta e as calças à moda russa serviam para disfarçar o sexo – que o encheu da maior curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse o nome ou o sexo, era de estatura mediana... Mas esses pormenores eram obscurecidos pela extraordinária sedução que emanava da própria pessoa” (MEIRELES, 1978, p. 20). Nesta passagem, Orlando é seduzido pela pessoa, “qualquer que fosse o nome ou o sexo”. No entanto, ele sente estranhamento de sexo, no caso desta pessoa ser um homem: “[q]uando o rapaz – porque, ai de mim! tinha de ser um rapaz (...) – passou por ele quase na ponta dos pés, Orlando esteve para arrancar os cabelos, vendo que a pessoa era do seu sexo, e que os abraços eram impossíveis” (MEIRELES, 1978, p. 21). Regras sociais poderiam impedir Orlando de certos atos, pois ele era um homem comprometido com uma mulher, e não deveria ser visto flertando com outra pessoa, especialmente um homem, uma vez que o contexto é opressor à homossexualidade. No entanto, se por um lado Orlando considera os abraços “impossíveis” na hipótese da outra pessoa ser do mesmo sexo, por outro lado o fato de ele ser comprometido não impede o flerte quando Orlando percebe que a pessoa é, na verdade, uma mulher.

Partindo agora para o momento do romance em que Orlando tem sua anatomia transformada de homem para anatomia de mulher, é interessante observar que sua caracterização em relação à identidade não é determinada apenas pelo fato de possuir um corpo de homem ou de mulher, mas sim pelo fato de cumprir o papel socialmente condizente com o que, desde Rubin, se chama *gênero* ao invés de *sexo* ou identidade anatômica³. Isto porque, primeiramente, a voz narrativa indica que a transformação de genitálias aparentemente não interfere muito na mente de Orlando: “Orlando transformara-se em mulher – não há que negar. Mas, em tudo o mais, continuava precisamente o que tinha sido. A mudança de sexo, embora tenha alterado o seu futuro, nada alterava da sua identidade” (MEIRELES, 1978, p. 77).

³ Cabe notar que, para Butler, mesmo a identidade de sexo é culturalmente construída, já que o critério genital para a leitura anatômica, baseada em critérios reprodutivos, é também arbitrário.

Logo após esta passagem, o narrador descreve a reação de Orlando quanto à sua transsexualização da seguinte forma: “o próprio Orlando parecia não a estranhar” (MEIRELES, 1978, p. 77). Seguindo Butler em referência à questão de identidade não ser essência, mas trajetória histórica (BUTLER, 1990, p. 143), é crucial observar que Orlando experimenta identidades diversas, ao vivenciar mais de uma identidade de gênero e de sexo: Orlando é ora um homem interessado em mulheres, ora um homem atraído por uma pessoa de sexo desconhecido, ora uma mulher vestida de homem tentando seduzir uma prostituta, ora uma mulher apaixonada e casada com outro homem, e assim por diante (devido a restrições de tempo e espaço, me limito a apenas citar essas diversas experiências do personagem, a fim de ilustrar como sua identidade se desenvolve via uma trajetória particular).

Eventualmente, após a transformação de sua genitália, Orlando finalmente pausa para pensar criticamente sobre sua situação. Deste ponto em diante, o posicionamento de Orlando em relação a gênero muda, uma vez que ela, finalmente, se torna consciente de opiniões que costumava ter antes da transformação, e as modifica, como uma *tentativa* de se adaptar à realidade de sua nova identidade sexual. Enfatizo o termo *tentativa* para ressaltar que tal adaptação não é uma correspondência natural de seu comportamento em decorrência de sua nova estrutura biológica, mas sim uma correspondência que lhe exige o que Orlando chama “a mais enfadonha disciplina” (MEIRELES, 1978, p. 87), ou seja, um conjunto de esforços que tendem a ser facilmente frustrados. Esta distinção é crucial, porque ela demonstra que o texto literário de Woolf, de 1928, antecipa a teorização entre sexo e gênero que seria feita somente em 1975 por Rubin.

Quero deter-me, portanto, em como essa distinção é construída no texto de Woolf. Quando Orlando era mais jovem e tinha a genitália de homem, suas opiniões sobre mulheres eram diferentes, certamente essencialistas e não-críticas: “[r]ecordava como tinha insistido, nos seus tempos de rapaz, em que as mulheres devem ser obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas” (MEIRELES, 1978, p. 87). Observe sua nova opinião, dita pela própria Orlando, sem mediação da voz narrativa:

as mulheres não são (a julgar pela minha própria curta experiência do sexo) obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas já por natureza. Só podem conseguir essas graças, sem as quais não lhes

é dado desfrutar nenhuma das delícias da vida, mediante a mais enfadonha disciplina (MEIRELES, 1978, p. 87).

Em outras palavras, as experiências identitárias de Orlando são conflituosas e contraditórias em relação a qualquer correspondência entre sexo e gênero, e portanto fazem Orlando refletir sobre seus pressupostos anteriores, quando exercia um posicionamento sexista. Tal reflexão faz Orlando tornar-se crítica de suas antigas idéias que naturalizavam as atribuições culturais esperadas do gênero feminino. Ou seja, a transformação e as vivências de Orlando demonstram a limitação arbitrária – e, como Orlando demonstra, violenta – de papéis de gênero a crenças e convenções arbitrariamente ditadas pela sociedade. A transformação sexual e as vivências de gênero dela decorrentes também mostram a importância de se criticar tal arbitrariedade e violência, uma vez que papéis de gênero são construídos culturalmente, conforme argumentado pela teoria feminista desde os anos 70, e portanto não respeitam a liberdade de trajetórias, desejos, e opções do sujeito. Em função disso, Orlando então transforma sua opinião não apenas em relação a mulheres, mas também em relação a homens: “horrorizava-se com a baixa opinião que lhe inspirava o outro sexo, o forte, ao qual uma vez se orgulhara em pertencer” (MEIRELES, 1978, p. 88). Orlando experimenta viver como homem e como mulher, e devido à transformação de genitália o personagem se torna consciente de gênero em termos de perspectivas e posições de sujeitos atribuídas cultural e ideologicamente.

Baseado na mudança de valores e opiniões de Orlando, pode-se dizer que apesar da distinção entre sexo e gênero não ter sido feita teoricamente no tempo de Woolf, o texto narrativo de *Orlando* antecipa tal distinção teórica. Vê-se que a conscientização de Orlando frente a gênero é despertada e transformada, a partir da súbita mudança de genitália, e da mesma forma a caracterização também se transforma, pois o personagem entra em um processo de reflexão sobre assuntos que Orlando enquanto homem havia ignorado, por pressupor que papéis de gênero fossem naturais e, portanto, inquestionáveis. A ruptura com a ideologia naturalizadora de gênero, no entanto, não é fácil, como podemos observar no seguinte trecho:

[e] aqui pareceria, por certa ambigüidade das suas expressões, que censurava igualmente ambos os sexos, como se não pertencesse a nenhum; e, na verdade, naquele momento vacilava; era homem; era

mulher; conhecia os segredos, compartilhava das fraquezas de cada um. Era um estado mental desorientador e atordoante. Os consolos da ignorância pareciam-lhe proibidos (MEIRELES, 1978, p. 88).

A hesitação (vacilação) de Orlando, que na verdade é retratada pelo ponto de vista narrativo, levanta questões sobre sexo e gênero em termos de privilégios e limitações, e do que é esperado de cada pessoa pela sociedade. Além disso, é precisamente essa hesitação, recorrente no texto em outros momentos, que sugere a antecipação literária da distinção teórica entre sexo e gênero.

Com base na discussão desenvolvida, resta a pergunta inquietante: como caracterizar Orlando em relação a gênero, então? No mínimo *instável*, o que lhe permite estabelecer uma crítica contundente a narrativas de gênero que sejam fixas e biologicamente determinadas. A caracterização de Orlando quanto a gênero, conforme demonstrei, é também heterogênea, pois Orlando tem identidades e caracterizações que não podem ser reduzidas monoliticamente. Conforme o argumento de Butler pela desestabilização da suposta coerência obrigatória entre sexo e gênero, impostas pela matriz heterossexual, é possível ver que Orlando vivencia várias caracterizações identitárias – ou, como Butler propõe, uma única identidade em constante processo de recriação: uma pós-identidade, de acordo com a teoria *queer*, que não se cala frente a imposições violentas vindas da cultura e ideologia heterossexual dominante. Orlando, por fim, desenvolve-se como uma proposta transgressora e crítica, necessária para uma articulação radical de pós-identidades de gênero na sociedade de hoje.

Referências

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge, 1990.

GILBERT, Sandra e GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: the Woman Writer and the Nineteenth Century Literary Imagination*. New Haven e London: Yale University Press, 1984.

MEIRELES, Cecília. *Orlando: Uma Biografia*. Tradução de *Orlando: A Biography*, de Virginia Woolf. Coleção Grandes Romances. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex. Toward an Anthropology of Women*. Rayna R. Reiter (Ed.). New York: Monthly Review Press, p. 157-210, 1975.

WOOLF, Virginia. *Orlando: A Biography*. London: Penguin Books, 1993 [1928].
Virginia Woolf and the Distinction Between Sex and Gender in the Novel *Orlando: A Biography*.

VIRGINIA WOOLF AND THE DISTINCTION BETWEEN SEX AND GENUS IN BOOK *ORLANDO: A BIOGRAPHY*

ABSTRACT

From an understanding originated in gender and queer studies on identitarian categories, this study demonstrates that the text *Orlando: A Biography*, by Virginia Woolf, anticipates, in what is a literature piece of work, the theoretical distinction between sex and gender later developed by theorists like Judith Butler and Gayle Rubin. The claim of this theoretical anticipation is illustrated with examples from Woolf's text, and it offers, ultimately, a proposal for the understanding of gender as being related to particular trajectories of each subject.

Keywords: orlando a biography, virginia woolf, sex, gender.